

Masculinidade tóxica e objetificação feminina: análise do romance *Mulheres*, de Charles Bukowski

Toxic masculinity and female objectification: an analysis of Charles Bukowski's novel *Mulheres*

Pablo Emmanuel Araújo Dias

Universidade Estadual da Paraíba

Antonio de Pádua Dias da Silva

Universidade Estadual da Paraíba

Pablo Emmanuel Araújo Dias

Doutorando e mestre em Literatura e Interculturalidade pelo PPGLI/UEPB, na linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais. Especialista em Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação pelo Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertão-PE). Licenciatura em Letras – Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista Capes. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8434-0826>. E-mail: tipabloemmanuel@gmail.com.

Antonio de Pádua Dias da Silva

Doutor em Letras, professor de Literatura e Estudos de Gênero do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professor da Faculdade de Linguística, Letras e Artes da UEPB; tem vários livros publicados abordando duas temáticas-chave de pesquisa: mulheres na literatura e homoerotismo na literatura. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6241-4466>. E-mail: docpadua@servidor.uepb.edu.br.

Recebido em:

26/01/2025

Aceito em:

09/07/2025

AGOSTO/2025

ISSN 2317-9945 (On-line)

ISSN 0103-6858

p. 214-231

RESUMO

O artigo analisa a obra *Mulheres* (2019), de Charles Bukowski, com foco na masculinidade tóxica e na objetificação feminina. Fundamentado nos conceitos de Connell (2005), Connell e Pearse (2015) e Kimmel (1997; 1998), investiga como as atitudes masculinas no romance reforçam crenças de superioridade e controle sobre as mulheres. Utilizando as teorias de representação e identidade de Hall (1997; 2002), demonstra como as representações femininas na narrativa perpetuam estereótipos patriarcais, espelhando e sustentando normas opressoras de gênero. A análise incorpora as críticas de hooks (2018) sobre violência de gênero e desigualdades estruturais, além das perspectivas de Federici (2012) sobre a exploração feminina, ampliando a discussão para dimensões sociais e econômicas. Os resultados revelam que a narrativa não apenas reflete a cultura patriarcal, mas também age como um veículo que reforça essas estruturas, dificultando a desconstrução das normas opressivas do machismo estrutural. Conclui-se que *Mulheres* exemplifica o papel do romance de Bukowski como reflexo e agente de reprodução de ideologias patriarcais, sublinhando a necessidade de uma leitura crítica para questionar e transformar essas dinâmicas.

PALAVRAS-CHAVE

Masculinidade Tóxica. Objetificação Feminina. Representação de Gênero. Ideologias Patriarcais.

ABSTRACT

The article analyzes Charles Bukowski's *Mulheres* (2019), focusing on toxic masculinity and female objectification. Grounded in the concepts of Connell

(2005), Connell & Pearse (2015) and Kimmel (1997; 1998), it examines how male behaviors and attitudes in the narrative reflect and reinforce beliefs in male superiority, dominance, and control over women. Using Hall's (1997; 2002) theories of representation and identity, the study explores how the depiction of women perpetuates patriarchal ideologies and stereotypes, functioning as both a reflection of and a contributor to oppressive gender norms. The analysis also incorporates bell hooks' (2018) insights on gender violence and structural inequalities, alongside Federici's (2012) discussion of the exploitation of female labor, broadening the scope to consider the intersection of literature, social power, and economic dynamics. The findings demonstrate that the narrative not only reproduces cultural norms but also actively sustains structures of male domination. By illustrating the role of literature in maintaining these ideologies, the study underscores the importance of critical readings to challenge and transform gendered power relations. The article concludes that *Mulheres* exemplifies how literary works can simultaneously mirror and uphold oppressive social structures, emphasizing the need for resistance through critical engagement.

KEYWORDS

Toxic Masculinity. Female Objectification. Gender Representation. Patriarchal Ideologies.

INTRODUÇÃO

A partir do final da última década do século XXI, o termo “masculinidade tóxica” passou a ganhar destaque como uma expressão crítica, utilizada para designar um conjunto de comportamentos e atitudes enraizados na manutenção da crença da superioridade masculina. Michael Kimmel (1998, p. 111-112) analisa que esse modelo opera através de um processo histórico em que “*Os Self-Made Men* [...] podiam desfazer-se a si mesmos e serem desfeitos enquanto homens”, revelando a fragilidade inerente a uma masculinidade baseada em performance constante. Essa é frequentemente marcada por uma agressividade latente e prejudicial, que não apenas afeta negativamente as pessoas do entorno do homem, mas também corrói o próprio sujeito que adere a esse modelo rígido de masculinidade. Esse conjunto de práticas reflete uma tentativa de reafirmar um padrão viril que, na verdade, envenena as relações sociais e o próprio indivíduo, levando-o a reproduzir ações autodestrutivas e opressivas.

Nesse contexto, o termo sugere que a perpetuação desse ideal de masculinidade tem consequências profundas, tanto nas esferas interpessoais quanto na construção da identidade masculina no social, revelando-se insustentável e nocivo a longo prazo, tanto para os homens quanto para aqueles que são afetados pela sua presença nas interações cotidianas. Esse ideal masculino, muitas vezes associado a agressividade e controle, não afeta negativamente

a saúde mental dos homens, mas também fomenta a violência de gênero e a objetificação das mulheres. Como aponta Kimmel (1998, p. 113), os homens são obrigados a “[...] provar a sua masculinidade contra a natureza e para os outros homens”, ao mesmo tempo que naturalizam hierarquias opressivas, transformando “as mulheres e os homens gays” em seus outros contra os quais projetam as suas ansiedades (Kimmel, 1998, p. 116).

O conceito de “masculinidade tóxica” tem sido um foco central em nossas pesquisas, pois oferece uma lente essencial para desvendar as complexas dinâmicas de poder e as representações de gênero que atravessam os textos literários. Através desse conceito, exploramos como determinadas narrativas reforçam e naturalizam comportamentos que sustentam a opressão e a hierarquia de gênero. Essa abordagem permite investigar como as obras literárias modernas e contemporâneas refletem e, ao mesmo tempo, evidenciam a persistência de ideologias patriarcais que perpetuam a desigualdade de gênero, seja pela objetificação das mulheres, seja pela glorificação de uma virilidade destrutiva. Ao aplicar essa análise ao nosso trabalho, buscamos demonstrar como essas representações contribuem para a manutenção de um imaginário social que legitima o poder masculino, influenciando não apenas os personagens nas obras, mas também as percepções culturais mais amplas sobre masculinidade e feminilidade, evidenciando as intenções autorais muitas vezes mascaradas de uma visão crítica quando, na verdade, vê-se no texto lido uma visão unilateral de manutenção do *status quo*.

A literatura, especialmente na obra *Mulheres* (2019), de Charles Bukowski, oferece uma perspectiva rica desse conteúdo, ideal para analisar o tema específico e outros de teor similar. Bukowski, através de seu protagonista Henry Chinaski, explora uma masculinidade marcada por brutalidade e egoísmo, revelando uma objetificação severa das mulheres e uma visão distorcida das relações de gênero, porque os personagens do romance em estudo atuam na dinâmica do rebaixamento das mulheres e da superposição do protagonista que enreda o leitor com o título “Mulheres”, como se elas fossem as protagonistas e, na verdade, são objetificadas pelo sujeito foco do enredo. Essa obra reflete e reforça normas assimétricas de gênero, proporcionando um campo fértil para a análise da masculinidade tóxica e suas consequências sociais. Como sugere bell hooks (2000, p. 84), “[...] a literatura é um espaço onde se pode explorar e desafiar as normas de gênero dominantes, revelando as complexas dinâmicas de poder em jogo”.

Para a análise proposta, a teoria de Hall (1997) sobre representação e identidade é essencial, pois oferece bases para entender como as narrativas culturais constroem significados e moldam as identidades sociais. O estudioso argumenta que “[...] as representações culturais não apenas refletem a realidade, mas também desempenham um papel ativo na sua construção” (Hall, 1997, p. 2). Esse princípio é central para a compreensão de como os textos literários, muitas vezes, a depender da intencionalidade da autoria, se limitam a retratar o mundo, ativamente criam e reforçam percepções e normas sociais. Hall (1997) destaca que a linguagem, as imagens e os textos não são neutros; ao contrário, eles participam da criação das nossas realidades sociais e, portanto, da formação de identidades e dinâmicas de poder.

Ao desenvolver a análise do romance *Mulheres*, torna-se possível investigar de que forma o autor não apenas reflete as identidades de gênero de seu tempo, mas também contribui para reforçar e perpetuar essas identidades intencionalmente impingidas no discurso do texto. As representações literárias de Bukowski, longe de serem simples reproduções da realidade, participam da construção de uma masculinidade tóxica que valida e perpetua a objetificação das mulheres e a supervalorização dos homens. Por meio dessa abordagem, é possível desvelar como Bukowski constrói uma narrativa que normaliza a violência simbólica e os comportamentos destrutivos, ao mesmo tempo em que reforça estruturas de poder patriarcais. Isso se dá quando, ao longo da narrativa, cria contextos de atuação de personagens que se movimentam de forma que o homem, no caso, o protagonista, está sempre numa posição superior e de controle de fala, de manipulação e interpretação moral das mulheres, e estas são silenciadas ou colocadas para atuar como coniventes com o protagonista narrador. E a atuação delas é sempre favorável a ele.

Além disso, o estudo da misoginia e da violência de gênero é crucial para entender o impacto dessas representações literárias na sociedade contemporânea. De acordo com Silvia Federici (2012, p. 5), “[...] a violência de gênero é uma expressão direta das desigualdades estruturais que perpetuam a opressão das mulheres”. Esse tipo de violência, que se manifesta desde agressões físicas e psicológicas até os casos de feminicídio, aponta para a necessidade de se compreender os fatores subjacentes que perpetuam essas práticas. Analisar a história e o contexto sociocultural dessas questões revela como as desigualdades de gênero estão enraizadas em práticas e ideologias de longa data, necessitando uma revisitação para que possam ser refletidas de maneira profunda com o intuito de uma educação literária para a não violência, para a igualdade de direitos e pelo respeito às diferenças.

TEORIA DE STUART HALL SOBRE REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE

Hall é um dos teóricos mais influentes na área de estudos culturais. Suas ideias sobre representação e identidade continuam ainda como fundamentais para a compreensão das dinâmicas culturais. O estudioso enfatiza a centralidade da cultura na formação da subjetividade e identidade, argumentando que a cultura não apenas interpreta a realidade, mas também a constitui. Em sua análise, destaca que, “[...] a cultura exerce um papel crucial na maneira como interpretamos e organizamos nossos comportamentos e pensamentos” (Hall, 1997, p. 16). Nesse sentido:

[...] a ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros (Hall, 1997, p. 16).

Aqui, ele aponta que a ação social, seja no nível individual ou coletivo, é algo moldado por significados culturais e sistemas simbólicos que conferem sentido a essas ações. O comportamento humano, portanto, é culturalmente codificado e regulado, o que significa que nossas interações sociais estão pro-

fundamente enraizadas nos sistemas de significado que a cultura nos fornece, como já versaram sobre esse aspecto Raewin Connell e Rebecca Pearse (2015), ao abordar aspectos das políticas de gênero numa visão global, e Connell (2005), quando aborda as políticas globais sobre masculinidades. Essa ideia é central para compreender como as representações culturais afetam a maneira como vemos o mundo e nos relacionamos com os outros, influenciando a organização social e as dinâmicas de poder através da literatura. Inicialmente, tem-se que as escritas literárias podem afetar a dinâmica de leitores para uma consciência mais crítica do sujeito; mas, se a escrita literária, como a que nos referimos nesta análise, focaliza uma dinâmica de poder do lado masculino sobre o feminino, urge discutir as motivações, intencionalidades e propósitos autorais na construção de personagens.

Após discutir a ação social, Hall introduz a noção de “virada cultural”, enfatizando a crescente relevância dos discursos culturais na transformação dos modelos teóricos e na compreensão da sociedade moderna. Ele ressalta que a cultura possui um papel epistemológico fundamental, moldando tanto nossa compreensão do mundo quanto as práticas sociais e políticas. Nesse contexto, observa que “[...] a cultura tem assumido uma importância sem precedentes no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, sendo constitutiva em toda análise social” (Hall, 1997, p. 17), destacando como a cultura impacta a construção e a manutenção de normas sociais e identitárias, tornando-se essencial para a análise de contextos sociais e literários. É nesse sentido que chamamos a atenção para o fato de que as leituras das escritas literárias precisam ser acompanhadas daquilo para o que Regina Dalcastagnè (2001) já havia chamado a atenção: a desconfiança. Ao abordar a leitura de romances publicados no Brasil contemporâneo, alerta sobre o modo dos narradores falarem, exigindo da pessoa leitora uma desconfiança mínima para entender a fala de quem domina o enredo da estória construída. Caso isso não seja feito, o leitor atua com passividade diante do texto, ficando à mercê das ideias construídas como verdades absolutas.

A teoria da representação de Hall (2002) é centrada na ideia de que os significados culturais são construídos através dos sistemas de representação. Ele explora três abordagens principais sobre a representação: a reflexiva, a intencional e a construcionista. Na abordagem reflexiva, o significado é visto como um reflexo direto da realidade; ou seja, as palavras e imagens servem para espelhar o mundo como ele é. A abordagem intencional, por outro lado, sugere que o significado é imposto pelos indivíduos, dependendo da intenção de quem comunica a mensagem, o que implica que os significados são criados de acordo com as intenções dos falantes ou produtores.

Por fim, na abordagem construcionista, o significado não é simplesmente refletido nem imposto de maneira unilateral. Ele é, na verdade, socialmente construído através dos discursos e das práticas culturais. Nesse modelo, o processo de representação não reflete a realidade de forma objetiva, mas molda e constrói ativamente o que é entendido como real. Hall (2002, p. 3) afirma que “[...] é através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado [...]” ao que existe no mundo. Ou seja, os significados culturais são gerados no processo

de interação entre símbolos e práticas, mostrando que a representação é, ao mesmo tempo, um ato de construção social e um instrumento de poder. Nesse sentido, vale a pena rever a escrita do romance de Bukowski, *Mulheres*, para entender como ele entabula uma dinâmica narrativa em que as próprias personagens representadas parecem anuir com o modelo de subalterna (Spivak, 2010), sem poder algum do seu lugar de fala (Ribeiro, 2017).

Além disso, Hall (2002) destaca que a representação cultural tem implicações reais para a identidade e para as práticas sociais. Os significados atribuídos nas representações culturais afetam diretamente o modo como os indivíduos compreendem a si mesmos e aos outros, e essas representações moldam a percepção e o comportamento social. Algumas vezes, a compreensão pode ser distorcida, como a percepção de Bukowski sobre as mulheres de seu tempo, figuradas nas personagens menorizadas do romance em estudo. Num momento em que houve uma eclosão de debates sobre a igualdade e tratamento igual de gênero, direitos das mulheres, o autor norte-americano publica esse romance como uma espécie de argumento contrário, mantenedor de uma tradição conservadora, machistamente estrutural. Nesse sentido, “[...] as representações têm sérias implicações sobre as identidades, pois as mesmas têm a ver com como temos sido representados e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar, surgindo das próprias narrativas do eu”. (Hall, 2002, p. 109).

As implicações da representação de gênero na literatura são particularmente evidentes na forma como as obras refletem e reforçam normas sociais, influenciando tanto a percepção quanto o comportamento das pessoas em sociedade. No caso do romance *Mulheres*, a maneira como os personagens femininos são representados não apenas espelha, mas também contribui para a perpetuação de normas opressivas de gênero, porque as relações de afeto e sexo travadas entre o protagonista e as mais de vinte mulheres com quem se relaciona ao longo da narrativa são assimétricas. Bukowski retrata as mulheres de maneira que frequentemente as reduzem a estereótipos e objetos de desejo, enfatizando suas características físicas e sexualidade em detrimento de suas complexidades como indivíduos com seus desejos, subjetividades, ideias.

Essas personagens, muitas vezes descritas como submissas, dependentes e, em certos casos, manipuladoras, são exemplos claros das práticas culturais que Hall discute, nas quais os significados atribuídos às representações moldam identidades e relações de poder. E falamos de todas elas, vinte e quatro ao todo, ao longo do romance, com quem o protagonista mantém relações sexuais. A objetificação e a desumanização das mulheres na obra são manifestações das normas de gênero que a sociedade frequentemente aceita e perpetua. Por meio de diálogos e situações que reforçam a superioridade masculina, Bukowski não apenas apresenta uma narrativa que marginaliza as vozes femininas, mas também contribui para a construção de um imaginário social que valoriza a masculinidade tóxica.

Dessa forma, ao analisar *Mulheres*, é crucial observar como essas representações impactam as identidades de gênero e as dinâmicas de poder, revelando a conexão entre a literatura e as normas sociais, tal como Hall enfatiza em suas teorias sobre representação e identidade. Essa análise permite

compreender a profundidade da objetificação feminina e suas consequências nas interações sociais, bem como o papel da literatura na formação e reforço dessas ideologias.

A REAFIRMAÇÃO PATRIARCAL: MASCULINIDADE TÓXICA E A OBJETIFICAÇÃO DAS MULHERES

Kimmel (1997) oferece uma análise abrangente da masculinidade tóxica, caracterizando-a como um conjunto de comportamentos e atitudes que não apenas reforçam a dominação masculina, mas também perpetuam desigualdades de gênero enraizadas nas estruturas sociais. Ele descreve essa masculinidade como um fenômeno cultural que exige que os homens se comportem de maneira dominadora e emocionalmente inexpressiva, argumentando que esses comportamentos são sustentados e amplificados por um contexto cultural que fomenta a agressão e a discriminação contra mulheres e outras minorias. Kimmel (1997, p. 52) ainda afirma que “[...] a masculinidade tóxica não é uma falha individual, mas um problema sistêmico que encontra eco em diversas instituições sociais”, como na literatura, refletindo e reforçando normas prejudiciais às mulheres e a outros grupos marginalizados.

Além disso, aponta que a “[...] literatura contemporânea frequentemente perpetua essas representações de masculinidade, contribuindo para a manutenção e legitimação das estruturas de poder que sustentam a desigualdade de gênero” (Kimmel, 1998, p. 37). No contexto da obra *Mulheres*, essa masculinidade tóxica se revela nas interações entre os personagens e suas percepções distorcidas das mulheres, a partir de um conjunto de situações em que o protagonista é mostrado como dono do discurso, julgando as personagens mulheres de acordo com o modo como defende a sua visão de mundo, como pode-se ler no trecho a seguir:

[...] daí, desisti de me preocupar em lhe dar prazer, e simplesmente fodia-a. Metia como animal. Era que nem um assassinato. Pouco me importava; meu pau tinha enlouquecido [...] Era como estuprar a Virgem Maria. Gozei. Gozei dentro dela, agonizando, sentindo meu esperma invadi-la; ela estava indefesa, e eu soltava minha gala bem no fundo das profundezas de Katherine – corpo e alma – sem parar, sem parar’ (Bukowski, 2019, p. 107).

O trecho exemplifica de forma contundente a objetificação da mulher, reduzindo-a a um mero objeto de prazer sexual, usado e descartado de acordo com o querer do narrador personagem. Este não apenas desconsidera a busca pelo prazer da parceira, mas também se entrega a uma performance sexual bruta na relação com a mulher. A comparação do ato sexual a um “assassinato” e a referência à “Virgem Maria” revelam uma perspectiva distorcida, onde o sexo é desconectado de qualquer sensibilidade ou empatia, sugerindo um desdém profundo pela dignidade feminina e não um encontro espontâneo de sujeitos do desejo. Essa representação não apenas desumaniza a personagem Katherine, a quem o trecho transposto faz menção, mas também acentua a indiferença do narrador em relação às suas próprias ações, reforçando as normas de masculinidade tóxica que promovem a dominação e o controle sobre

o corpo feminino. Ao afirmar que “pouco me importava”, o narrador personagem atua com uma masculinidade que se alimenta da desconsideração pela humanidade da mulher, mantendo a ideia de que as relações sexuais podem ser um espaço de desumanização e objetificação. Essa dinâmica não é apenas uma constatação do comportamento do narrador, mas um modo de exibir e encarar práticas culturais e sociais que permitem e até incentivam tais atitudes.

Essas representações de masculinidade tóxica ou de outras com teor similar na literatura não são exclusivas das obras de Bukowski; refletem uma tendência mais ampla que permeia a escrita literária de todos os tempos. Basta ver, por exemplo, no Brasil, como Machado de Assis (1994) constrói *Capitu* sob a tutela ideológica de Bentinho, tornando-a um sujeito periférico e controlado pelo ciúme doentio dele; ou a mulher presente no poema *Caso do vestido*, de Carlos Drummond de Andrade (2007), que se sujeita ao regime patriarcal e à presença tóxica do marido ao sair de casa para viver com outra mulher, abandonado a família inicial e retornando na hora que quer, como se nada tivesse acontecido; ou mesmo ainda no poema *Tragédia brasileira*, de Manuel Bandeira (2000), em que Maria Elvira é vítima de feminicídio. Esses textos dão exemplos de homens que perseveraram em diminuir e objetificar suas mulheres ao longo da história da literatura. A crítica de hooks (2000) ao retrato das mulheres na literatura é igualmente incisiva, sublinhando como essas representações frequentemente reforçam a objetificação e a subordinação delas. A teórica argumenta que a literatura muitas vezes reduz as mulheres a objetos de desejo ou utilidade, ignorando sua complexidade e humanidade plenas, visto que “[...] a representação feminina na literatura muitas vezes serve para consolidar e legitimar estruturas patriarcais, oferecendo visões que perpetuam a opressão e a objetificação das mulheres” (hooks, 2000, p. 27).

O romance de Bukowski exemplifica essa crítica ao representar as mulheres como objetos de prazer sexual, deixando explícito como a literatura pode não apenas refletir, mas também reforçar normas de gênero prejudiciais às mulheres. A brutalidade nas relações entre os gêneros, amplamente discutida por hooks, emerge de forma nítida nas narrativas de Bukowski, onde as dinâmicas de poder entre homens e mulheres revelam a violência subjacente que sustenta essas representações. O trecho a seguir, por exemplo, mostra esse tipo de prática e comportamento na relação do protagonista, Henry Chinaski, com as mulheres com quem se relaciona ao longo do romance:

[...] continuei chacoalhando. Mais cinco minutos. Mais dez. Não conseguia gozar. Comecei a fraquejar. Fiquei mole. Mercedes não gostou: – Continue! – pediu. – Ah, continua, baby! Não deu mesmo. Rolei pro lado [...] no que Mercedes estaria pensando? A vida me fugia, meu pau murchava [...] meu pau deslizou pra dentro dela. Agora, eu sabia que ia dar certo. O milagre seria refeito. Ia gozar na buceta daquela cadela. Ia inundá-la com meu sumo e nada que ela fizesse poderia me deter. Era minha. Eu era um exército conquistador, um estuprador, o senhor dela. Eu era a morte. Ela estava indefesa. Sacudia a cabeça, me agarrava, arfava, gemia. Meu pau gramava. Dei um urro estranho e gozei. Dali a cinco minutos ela roncava. Eu também (Bukowski, 2019, p. 168-169).

O narrador não apenas objetifica a personagem Mercedes, mas também manifesta uma perspectiva de dominação (Bourdieu, 1999) que anula qualquer possibilidade de reciprocidade ou prazer compartilhado. Essa visão reflete de forma contundente a crítica de hooks, que argumenta que a literatura frequentemente legitima a opressão e a desumanização das mulheres. A abordagem do narrador no trecho dado reduz a mulher a um mero objeto de satisfação, apagando sua subjetividade e humanidade, exibindo como, em muitos momentos, as personagens mulheres são tratadas numa ordem desigual, favorecendo os homens e menorizando elas, e não somente no âmbito sexual (Sant'Anna, 1993), mas em tudo que as envolva nas práticas dialogais com os homens, como já apontaram Virginia Woolf (2000), Simone de Beauvoir (1980), além de outras pensadoras do feminismo radical, do feminismo negro, do feminismo interseccional, marxista e outros (Bonnici, 2007). Essa dinâmica evidencia como a narrativa de Bukowski não só reproduz, mas acirra as estruturas patriarcais, desvalorizando a vivência feminina e consolidando um ciclo contínuo de objetificação e subjugação. Ao retratar a mulher de forma simplista e instrumental, a narrativa contribui para a manutenção de um imaginário que reforça a opressão de gênero, legitimando, pela literatura, a inferiorização das mulheres.

Federici (2012) amplia a discussão ao vincular a objetificação feminina à violência e à exploração dentro de um contexto estrutural mais amplo. Ela argumenta que essa objetificação não é uma questão isolada, mas uma expressão das desigualdades estruturais que permeiam as instituições sociais, e que existem no social, a partir de regras assimétricas quanto ao tema em questão. Federici (2012, p. 14) defende que “[...] a objetificação das mulheres e a violência de gênero são não apenas resultados das relações interpessoais, mas também reflexos de estruturas sociais e econômicas que perpetuam a desigualdade”. Essa conexão se torna visível na narrativa de Bukowski, onde as interações violentas e opressivas entre os gêneros muitas vezes são apresentadas como normais, evidenciando a interconexão entre esses fenômenos e as estruturas sociais dominantes, que naturalizam um mal em relação às mulheres para custear o domínio dos homens.

A perspectiva crítica sobre a objetificação e dominação das mulheres apresentada por teóricas como hooks e Federici encontra ressonância direta nas descrições da narrativa de Bukowski. hooks denuncia a legitimação da opressão das mulheres na literatura em que as personagens femininas são frequentemente reduzidas a objetos e destituídas de uma subjetividade. Federici, por sua vez, amplia esse debate ao destacar como essa objetificação está enraizada em estruturas sociais e econômicas que perpetuam a desigualdade e a violência de gênero. Essas reflexões teóricas encontram configurações similares na obra de Bukowski, particularmente na forma como as interações entre homens e mulheres são narradas. O trecho a seguir evidencia essa dinâmica, em que o narrador não apenas desumaniza a mulher, mas revela a brutalidade e o distanciamento emocional que caracterizam sua percepção do outro, consolidando as relações de poder e controle masculino sobre o corpo feminino.

[...] Valência acabou seu drinque e se esticou no sofá. Botou a cabeça no meu colo. Comecei a afagar seus cabelos. Fiz mais um drinque para ela e continuei a lhe fazer cafuné. Podia ver seus peitos dentro da blusa. Me inclinei e lhe dei um longo beijo. Sua língua ficou se debatendo na minha boca. Detestei-a. Meu pau começou a se manifestar. Beijamos de novo e eu enfiei a mão dentro da sua blusa.

– Sabia que eu ia te encontrar algum dia – disse ela.

Beijei-a de novo, dessa vez com mais selvageria. Ela sentiu meu pau pressionando sua cabeça.

– Ei! – disse ela.

– Não é nada.

– Nada uma porra! Que tá pretendendo?

– Não sei...

– Eu sei.

Valência levantou e entrou no banheiro. Voltou nua. Entrou debaixo dos lençóis. Tomei mais uma. Daí, tirei a roupa e entrei na cama. Puxei o lençol de cima dela. Que peitões! Ela era cinquenta por cento peitos. Firmei um deles com a mão, o melhor que pude, e chupei o bico. Não endureceu. Peguei o outro peito e chupei o bico. Nenhuma reação. Dei uma chacoalhada naqueles peitos. Enfiei meu pau entre eles. Os bicos continuaram moles. Ofereci meu pau a sua boca, mas ela virou a cara. Pensei em queimar o cu dela com cigarro. Que monte de carne...uma vagabunda de rua desgastada, arruinada. Em geral, as putas me davam tesão. Meu pau endurecia, mas minha alma voava longe (Bukowski, 2019, p. 280-281).

O trecho evidencia de maneira crua e explícita a objetificação da mulher, através da personagem Valência, reduzida a um corpo fragmentado e desumanizado (“um pedaço de carne”), sem qualquer traço de subjetividade (Soihet, 2002). O narrador reforça essa postura ao descrever Valência exclusivamente em termos físicos, como “cinquenta por cento peitos”, destacando seu interesse puramente sexual e descartando qualquer conexão emocional ou respeito pela individualidade dela. A ausência de reciprocidade no ato sexual, somada à indiferença do narrador quanto ao prazer de Valência, ilustra a dinâmica de poder que Federici (2012) aponta como inerente às estruturas sociais opressivas. A narrativa bukowskiana torna evidente a dissociação entre corpo e pessoa, acirrando uma masculinidade tóxica que não apenas objetifica, mas também instrumentaliza a mulher, transformando-a em uma ferramenta de satisfação unidirecional pela anulação dela, diante do modo como atua com Chinaski: um corpo funcional (para o sexo). O fato de pensar em queimá-la indicia uma prática de violência física contra a personagem. Esta, por ser profissional do sexo, parece potencializar ainda mais o endereçamento agressivo contra ela, porque trata-se de um sujeito que enfrenta em seu cotidiano verdadeiros embates econômicos a partir do exercício da função estritamente sexual, como pensa Federici (2012).

Essas perspectivas tornadas críticas em nossa leitura oferecem uma compreensão de como a literatura pode servir não apenas como um espelho das normas de gênero, mas também como um agente ativo na construção e perpetuação dessas normas. A análise de Kimmel (1998) sobre a masculinidade tóxica revela como comportamentos e atitudes hegemônicos podem ser frequentemente normalizados e promovidos pela literatura, reforçando a do-

minação masculina e a desigualdade de gênero. Alice Walker, quando publica *The Color Purple* (1982), faz uma dura crítica a modelos de vida de mulheres negras (como a personagem Celie, protagonista do romance) e pobres tratadas como objetos dos homens (pais, maridos, irmãos), a que a teoria feminista negra ou o feminismo interseccional dão suporte de análise profunda do texto. Na contramão dessa denúncia, Graciliano Ramos publica *São Bernardo* (1990), romance em que menoriza Madalena, esposa de Paulo Honório (protagonista da narrativa), trazendo à tona não uma denúncia como a de Alice Walker, mas a manutenção de uma prática historicamente favorável apenas aos homens.

Por sua vez, a crítica de hooks (2000) destaca a maneira pela qual a literatura frequentemente reduz as mulheres a objetos de desejo ou utilidade, perpetuando, assim, as estruturas patriarcais que as marginalizam e as subjugam. A visão de Federici (2012), por outro lado, contextualiza a objetificação e a violência de gênero dentro de um sistema estrutural mais amplo, conectando esses fenômenos com desigualdades sociais e econômicas, também vistos pela óptica de Connel e Pearse (2015). A combinação dessas abordagens configura a parte da literatura que assim se expressa como um campo de batalha simbólico onde as identidades e as relações de poder são não apenas representadas, mas também constantemente reforçadas e negociadas. A intersecção dessas análises, juntamente com os exemplos da obra de Bukowski, oferece uma visão crítica sobre a função de determinadas escritas autorais na manutenção e contestação das normas de gênero, evidenciando seu papel crucial na formação e perpetuação das identidades de gênero na sociedade.

IMPORTÂNCIA DA CRÍTICA À LITERATURA QUE CONSTRÓI E REFORÇA NORMAS RÍGIDAS E CONSERVADORAS DE GÊNERO

A literatura enquanto escrita de ideias pode desempenhar um papel crucial na construção e manutenção das normas de gênero, atuando não apenas como reflexo das ideologias culturais, mas também como um instrumento ativo na formação dessas ideologias. Bourdieu (1999) analisa a literatura como um campo de produção cultural, onde as normas de gênero são perpetuadas e solidificadas. Ele descreve o uso do “capital simbólico” para reiterar normas sociais e culturais e afirma que as práticas literárias podem contribuir para a “reprodução das relações de poder”. Isso porque as escritas dessa natureza sempre estiveram à disposição de grupos hegemônicos de poder, seja como leitores ou como escritores. A obra *Mulheres*, de Bukowski, exemplifica como a literatura pode potencializar essas normas ao expor a masculinidade tóxica e a objetificação feminina presentes na sociedade, afirmando a quem lê o romance que o masculino continua com o poder nas relações de gênero. Bukowski não utiliza sua narrativa ou escrita para questionar esse padrão, mas para colocá-lo em evidência, reiterando-o, acirrando as tensões e desigualdades de gênero.

Hall (2002), por sua vez, oferece uma perspectiva sobre a função da literatura na formação das normas de gênero, destacando que a disputa pelo poder e pela significação ocorre no campo simbólico e discursivo, onde a literatura pode desempenhar um papel central. Para ele, a literatura é um “espaço de disputa simbólica” no qual as normas culturais são negociadas e construí-

das. Também aponta que as identidades e subjetividades são culturalmente formadas, o que reforça a importância das representações literárias na moldagem de percepções de gênero. A fragmentação das identidades culturais, especialmente em um contexto de globalização, afeta diretamente o modo como as normas de gênero são representadas, e Bukowski, em *Mulheres*, explora essa complexidade ao encenar de forma crua as relações entre os gêneros que favorecem os homens em detrimento das mulheres.

Ao analisar *Mulheres* sob a ótica de teóricos como Hall, Kimmel, hooks e Federici, torna-se evidente como a literatura contribui para a construção e o reforço de normas de gênero. Kimmel (1998, p. 5) observa que a masculinidade tóxica, um tema central na obra de Bukowski, perpetua a desigualdade de gênero e a violência, sendo “[...] uma força destrutiva que contribui para a opressão das mulheres”. Já hooks (2000) critica a objetificação feminina na literatura, argumentando que ela consolida estruturas patriarcais. Federici (2012, p. 14) amplia essa discussão ao vincular a objetificação à violência e à exploração, ressaltando que “[...] a objetificação das mulheres e a violência de gênero são manifestações de desigualdades estruturais”.

Dessa forma, a análise de *Mulheres* por meio dessas lentes teóricas revela como determinadas escritas literárias podem não apenas refletir, mas também reforçar as normas de gênero. A perspectiva oferecida por Bourdieu, Hall, Kimmel, hooks e Federici enriquece a compreensão das dinâmicas culturais e das representações de gênero na obra, destacando a importância da literatura como espaço simbólico para a negociação dessas normas. De nossa parte, fica a lição de que o ato de ler textos literários implica ter uma consciência formada e em formação sobre os modos como as escritas criam enredos, revelam mundos e expõem personagens em atuação. Isso porque ler o texto ficcional de modo passivo pode induzir o leitor a visualizar unicamente a ideologia da superfície do texto como uma verdade absoluta.

REPRESENTAÇÃO DA OBJETIFICAÇÃO FEMININA E MASCULINIDADE TÓXICA EM *MULHERES*

Na obra *Mulheres*, Charles Bukowski constrói suas personagens femininas numa perspectiva fortemente objetificadora. A partir dos trechos onde o narrador menciona características físicas das mulheres, como “[...] ela era bonita e tinha um corpo incrível” (Bukowski, 2019, p. 24), percebe-se como o valor dessas personagens é constantemente associado à aparência física para refletir e endereçar-se afirmativamente para o desejo sexual masculino. Essa prática de representação, ao reduzir as mulheres a aspectos físicos e sexuais, aparece repetidamente, como no trecho em que o narrador afirma: “[...] ela tirou a blusa e eu fiquei olhando seus seios. Ela tinha bons seios. Eu sempre os observo primeiro” (Bukowski, 2019, p. 45). Aqui, fica claro que a primeira reação do narrador ao corpo feminino é puramente sexual e objetificada. Esse padrão de significação revela uma representação limitada da mulher, confinada ao seu corpo e à sua utilidade sexual, desumanizando-a ao potencializá-la unicamente como um todo de carne com preferências específicas para

certas partes do corpo, como bem atestou Úrsula Jahn (2019), na exposição *À la carte*¹, em que associa a objetificação das mulheres pelos homens à escolha preferencial deles por determinados cortes delas, como quem escolhe pedaços de uma vaca em um açougue.

Nesse tipo de descrição, ecoa o conceito de Hall (1997) sobre a “fixação” das representações, no qual a repetição de certos estereótipos contribui para sua naturalização dentro da cultura. Ao objetificar as personagens femininas, Bukowski insere-se em uma tradição literária que reforça a lógica patriarcal de que as mulheres existem, primordialmente, como objetos para o prazer masculino, sem apresentar outra possibilidade de valor para elas. Outro exemplo dessa fixação estereotipada pode ser visto quando o narrador fala: “[...] tudo o que importava era o sexo, e isso era o que as mulheres me davam” (Bukowski, 2019, p. 67), ilustrando a ideia de que o valor das mulheres só é reconhecido em função do prazer que pode proporcionar ao homem, de acordo com essa ideologia estruturalmente machista e tóxica. Segundo Hall (1997, p. 34), “[...] as práticas de representação desempenham um papel fundamental na construção de significados culturais”, e, nesse sentido, a forma como as mulheres são retratadas em *Mulheres* contribui para perpetuar normas de gênero que mantêm as mulheres em uma posição subordinada. Ao descrever as mulheres exclusivamente por sua aparência e capacidade de satisfazer o desejo masculino, o narrador reafirma essas dinâmicas de poder, criando uma narrativa na qual as personagens femininas têm pouca ou nenhuma agência.

A narrativa também sugere que, ao objetificar as mulheres, o protagonista busca preencher um vazio existencial, uma estratégia que exemplifica o uso do corpo feminino como uma extensão de seu próprio poder. No trecho em que Bukowski escreve: “[...] Eu queria fugir, e ela era a maneira mais fácil de fazer isso” (Bukowski, 2019, p. 102), o narrador deixa claro que seu interesse nas mulheres vai além do simples desejo físico. Ele as usa como meios para satisfazer suas necessidades emocionais, desumanizando-as ainda mais ao transformá-las em ferramentas para aliviar sua própria angústia existencial. Esse sentimento de vazio é reforçado quando também afirma: “[...] Eu as usei para preencher o buraco dentro de mim” (Bukowski, 2019, p. 113), uma admissão direta de que as mulheres, para ele, são apenas mecanismos para lidar com seu desconforto emocional. A partir dos estudos de Sócrates Nolasco (1995a; 1995b), é possível justificar essa tensão existencial dos homens nas relações de gênero. Todavia, em se tratando de uma escrita pensada, planejada, de longo alcance entre leitores, como é o romance de Bukowski, dificilmente uma crítica poderia justificar a posição do narrador personagem de *Mulheres* pela óptica da crise do masculino. Pelo contrário, todo o discurso do texto só aponta para a manutenção de um estado de coisas que beneficia exclusivamente o sujeito masculino, ao desconsiderar as mulheres do seu entorno.

Ainda mais revelador é o trecho em que Bukowski escreve: “[...] O sexo com elas era apenas uma troca de fluidos. Não havia profundidade, não havia

1 A exposição pode ser visualizada no seguinte endereço: <https://ursulajahn.com.br/projetos/a-la-carte/>. Parte do princípio social estruturalmente machista que vê as mulheres pelo que elas poderiam proporcionar enquanto objeto de desejo deles, que sinalizam suas intenções através do assédio inoportuno visualizado em práticas culturais como assédio, endereçamento de palavras de desejo, insulto, às vezes, passada de mão pelo corpo, beijo forçado e outros tipos de comportamentos que denunciam essa objetificação.

verdadeira conexão” (Bukowski, 2019, p. 154), fato que faz com que se efetive uma desconexão emocional do protagonista. A experiência sexual, ao ser descrita como um ato puramente físico, desprovido de significado ou de reciprocidade, reflete o caráter utilitário com o qual o narrador lida com as mulheres, que são reduzidas a meros corpos, sem personalidade ou desejos próprios, logo, espécies de bonecas sem vida que servem aos desejos daqueles que assim pensam e se apropriam delas. Para Hall (1997), essa falta de complexidade nas representações femininas exemplifica como as narrativas culturais podem distorcer a compreensão das relações de gênero, perpetuando uma visão hierárquica e desequilibrada entre homens e mulheres. Se lidas como verdades, narrativas dessa natureza prestam um desserviço à cultura, de maneira geral, porque divulgam uma norma assimétrica de gênero em que as mulheres sempre saem como perdedoras, objetos de uso, sem voz para reivindicar seu lugar no mundo.

Esses padrões de comportamento, que reiteram a objetificação e a utilização das mulheres como alívio para as angústias masculinas, apontam para uma masculinidade tóxica que Bukowski sabe fazer muito bem em sua narrativa. O protagonista de *Mulheres* ilustra uma forma de masculinidade centrada no controle e na dominação, alinhando-se às teorias de Connell (2005, p. 188) sobre masculinidade hegemônica, que define essa configuração de práticas como “[...] um mecanismo de reafirmação do poder masculino em uma estrutura patriarcal”. O uso do corpo feminino como válvula de escape para o protagonista reflete a maneira como a masculinidade tóxica promove a instrumentalização do outro, objetificando as mulheres para manter a sensação de superioridade e poder.

A exploração dessas dinâmicas de poder pode ser mais profundamente compreendida quando o narrador diz: “[...] elas estavam lá apenas para mim. Quando eu as tinha, me sentia vivo, mas logo depois, tudo parecia desaparecer” (Bukowski, 2019, p. 198). Nesse momento, a relação entre poder e masculinidade torna-se explícita: o narrador experimenta um sentimento de controle ao exercer sua masculinidade tóxica, e esse sentimento não é transitório. Pode até revelar uma vulnerabilidade oculta por trás de sua aparente superioridade, como apontam os estudos da psicologia social (Nolasco, 1995a). Mas ele se perpetua no tempo, se mantém nas estruturas sociais e culturais, sobretudo, nas linguísticas, dando mostras de que os discursos e as práticas sociais da masculinidade hegemônica são, inclusive, reproduzidas pelas masculinidades subalternas (Connell, 2005) e pelas mulheres que educam os sujeitos em sociedade: em casa, na escola, na igreja. A masculinidade que Bukowski constrói em *Mulheres* não é sólida ou estável, porque, na verdade, ela é uma construção social; mas trata-se, sim, de uma tentativa constante de se reafirmar através da dominação de corpos femininos, como historicamente vem acontecendo através dos séculos.

Portanto, o romance *Mulheres*, de Charles Bukowski, é um exemplo de como a objetificação feminina e a masculinidade tóxica estão profundamente interligadas em suas narrativas. Ao se apropriar dos corpos femininos como recursos para aliviar sua provável dor emocional e afirmar seu poder, o protagonista de Bukowski incorpora práticas machistas para os quais os discursos

culturais, que Hall e Connell descrevem, reforçam padrões de gênero que continuam a subjugar as mulheres e a manter a masculinidade hegemônica.

A construção da masculinidade em *Mulheres* está intimamente ligada a um ideal tóxico que exalta o controle, a dominação e a violência emocional. No trecho “eu usava mulheres como se fossem minha última fuga” (Bukowski, 2019, p. 131), o narrador reconhece que sua interação com as mulheres não é mediada pelo respeito ou pela reciprocidade, mas pela necessidade de autoafirmação. O sexo, nesse contexto, torna-se uma ferramenta de poder e controle, onde a figura masculina reafirma sua superioridade através da objetificação e exploração das mulheres ao seu redor, como os homens vêm fazendo ao longo dos séculos, sem preocupação alguma com a humanidade, a dignidade e o querer das mulheres.

Essa perspectiva está em sintonia com as teorias de masculinidade hegemônica de Connell (2005, p. 77), que vê a masculinidade tóxica como uma “[...] configuração de práticas que assegura a dominação masculina em uma estrutura patriarcal”. Para o teórico, a masculinidade tóxica é sustentada por um conjunto de comportamentos que privilegiam a agressão, a repressão emocional e o controle sobre os outros – neste caso, sobre as mulheres, porque há, ainda, os outros grupos sociais desprestigiados e minorizados pelos grupos hegemônicos, como a população gay, lésbica, travesti, transgênero, bissexual etc., pensando apenas pelo viés do gênero e da sexualidade. O protagonista de Bukowski exemplifica esse padrão ao tratar suas interações sexuais como um meio de reafirmar sua virilidade e, ao mesmo tempo, neutralizar suas inseguranças. Para alcançar essa escala de poder, precisa minorizar as mulheres, torná-las sem força, sem voz, sem desejo, sem tempo para pensar.

Além disso, o constante uso das mulheres como forma de fuga poderia, por um lado, evidenciar como a masculinidade tóxica está relacionada a uma profunda crise identitária, apesar de que pensar unicamente por esse caminho pode ser uma forma de justificar toda a história de desumanização das mulheres. Bukowski mostra que a masculinidade do narrador está enraizada em uma autopercepção distorcida, onde o sexo é um dos poucos espaços nos quais ele pode exercer poder. Em outro trecho, ele diz: “[...] Eu não sabia o que fazer com elas além de levá-las para a cama” (Bukowski, 2019, p. 142), explicitando a incapacidade de lidar com as mulheres de forma que não fosse através da exploração sexual. Essa visão limitada de interação com o feminino é, de acordo com Connell (2005, p. 88), “[...] uma manifestação das expectativas culturais que encorajam os homens a consolidar sua identidade através do poder sobre os outros, em vez de buscar relacionamentos baseados em igualdade”. Por esse aspecto, é possível, sim, pensar a crise do masculino. O que não é admissível é permanecer justificando essa crise para que haja conflitos de gênero em que os homens continuem violentando, estuprando, assassinando e minorizando as mulheres em narrativas literárias, como apontam os estudos de Carlos Magno Gomes (2018; 2019; 2020; 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão entabulada ao longo deste trabalho evidencia como a literatura pode refletir e perpetuar normas culturais que reforçam a desigualdade de gênero e a dominação masculina. A partir da obra *Mulheres*, de Charles Bukowski, observa-se como a objetificação das personagens femininas e a construção de uma masculinidade tóxica estão interligadas, formando um ciclo de opressão que reafirma a superioridade masculina. Hall é central para essa compreensão, uma vez que suas ideias sobre representação e fixação de estereótipos explicam como as mulheres, tais quais as que se movimentam no romance, são reduzidas a seus corpos apenas como carne desumana e à satisfação do desejo masculino, reforçando as ideologias patriarcais no enredo da narrativa.

A perspectiva teórica de Hall, ao argumentar que a literatura é um “espaço de disputa simbólica” onde os significados são construídos e negociados, ajuda a elucidar como a obra de Bukowski não apenas reflete, mas também participa ativamente na construção de normas culturais que consolidam a masculinidade tóxica tão negada nos dias atuais. Nesse contexto, a masculinidade do protagonista também se alinha às práticas descritas por Connell, que interpreta essas dinâmicas como uma reafirmação do poder masculino dentro de uma estrutura patriarcal, como visualizamos não só no romance norte-americano aqui em estudo, como em diversas outras narrativas, como as apontadas anteriormente e outras que circulam livremente pelas culturas.

Além disso, a contribuição de Kimmel amplia o entendimento sobre como a masculinidade tóxica se manifesta como uma resposta culturalmente enraizada às expectativas de controle e dominação emocional. Ao analisar as interações entre o protagonista e as mulheres, fica evidente que a narrativa de Bukowski não apenas reflete essa masculinidade tóxica, mas a utiliza como um dispositivo central para a construção de poder e subjugação. Nesse sentido, não só pelas ideias de Kimmel, mas também pelas de Nolasco, entende-se que a visão sexuada dos sujeitos (homens fortes e mulheres fracas) continua sendo uma ideia que acirra os modos de interpretar as pessoas, seja na vida real ou em narrativas fílmicas, literárias. A noção de atividade e de passividade parece ser a que direciona essa prática cultural, pois a ideia de penetrar e de ser penetrado reitera essa dinâmica em que o que penetra, ativo, mantém o corpo ou objeto penetrado sob seu controle (Koltuv, 2017).

Ao discutir esse conteúdo a partir da visão de Hall, podemos dizer que a literatura tem o poder de desempenhar um papel ativo na perpetuação das normas culturais, se assim forem construídos textos literários com essa intenção. Teóricas como hooks e Federici, a partir das quais nos centramos como eixos balizadores de nossas ideias neste artigo, lançam luzes sobre essa análise ao examinarem como a objetificação feminina na literatura não é apenas uma representação superficial, mas uma prática que reflete e reforça as estruturas sociais que sustentam a violência de gênero sem uma discussão crítica e profunda que questione e desloque os lugares ou compartimentos sociais para favorecer os homens em detrimento das mulheres. Federici, em particular, ressalta como essas dinâmicas literárias ecoam em contextos mais amplos de exploração e desigualdade estrutural.

Assim, conclui-se que a obra de Bukowski, por meio de sua representação

da masculinidade tóxica e da objetificação das mulheres, reflete questões profundas sobre poder, controle e violência simbólica, conforme discutido pelo campo teórico diverso e misto utilizado na discussão deste artigo. O romance analisado não deve ser visto de forma isolada, mas como parte de um discurso literário que continua a moldar percepções sobre gênero, poder e identidade. Este estudo, portanto, contribui para o entendimento crítico de como a literatura pode reforçar as normas rígidas de gênero que sustentam a dominação patriarcal caso não haja debate sobre esses modos de criar narrativas acrílicas que privilegiem a unilateralidade do machismo estrutural e tóxico.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. O caso do vestido. In: **A rosa do povo**. 37. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 96-103.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- BANDEIRA, Manuel. Tragédia brasileira. In: **Libertinagem & Estrela da manhã**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 96.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista** – conceitos e tendências. Maringá: EDUEM, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BUKOWSKI, Charles. **Mulheres**. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- CONNELL, Raewin. **Masculinities**. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.
- CONNELL, Raewin; PEARSE, Rebecca. **Gênero**. Uma perspectiva global. Compreendendo o gênero – da esfera pessoal à política – no mundo contemporâneo. 3. ed. São Paulo: nVersos, 2015.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambiguidades do discurso. **Diálogos Latinoamericanos**, n. 3, p. 114-130, 2001. Disponível: <https://descubridor.ceipa.edu.co/Record/ojs-redalyc-16200305>. Acesso em: 21 jun. 2025.
- FEDERICI, Silvia. **Revolution at Point Zero**: Housework, Reproduction and Feminist Struggle. Oakland: PM Press, 2012.
- GOMES, Carlos Magno. A hostilidade do feminicídio em Nélide Piñon. **Acta Scientiarum Language and Culture**, v. 42, p. 392-405, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/52167/751375150074>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- GOMES, Carlos Magno. A violência estrutural dos feminicídios na literatura latino-americana. **Revista Fórum Identidades**, v. 33, n. 1, p. 31-42, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/15493>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- GOMES, Carlos Magno. Regulações do estupro em Lya Luft e Patrícia Melo. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 59, p. 1-9, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/28854/17077>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- GOMES, Carlos Magno. Uma perspectiva antropológica do feminicídio nos contos de Marina Colasanti. **Revista Ártemis Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidade**

des, v. 27, n. 1, p. 392-405, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/41101/27538>. Acesso em: 18 jun. 2025.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2 (Número Especial), p. 15-46, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 16 jan. 2025.

HALL, Stuart (ed.). **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2002.

HOOKS, Bell. **O Feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

JAHN, Úrsula. Através da imagem. **Revista da FUNDARTE**, n. 39, p. 19-22, 2019. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/708/pdf_52. Acesso em: 18 jun. 2025.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, ano 4, n. 9, p. 103-117, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8IshhFkpgD88W4vz/?format=pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.

KIMMEL, Michael. Homophobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina. In: VALDÉS, Teresa & OLAVARRÍA, José (Eds.). **Masculinidades: poder y crisis**. Santiago de Chile: Ediciones de las Mujeres, 1997, p. 49-64.

KOLTUV, Barbara Black. **O livro de Lilith**: o resgate do lado sombrio do feminino universal. São Paulo: Cultrix, 2017.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995a.

NOLASCO, Sócrates. Um homem de verdade. In: CALDAS, Dario (Org.). **Homens**. São Paulo: SENAC, 1995b, p. 14-29.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 1990.

RIBEIRO, Djamila. **O que é**: lugar de fala. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. **O canibalismo amoroso**: o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SOIHET, Raquel. O corpo feminino como lugar de violência. **Projeto História**, n. 25, p. 269-289, 2002. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/10592>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

WALKER, Alice. **The Color Purple**. New York: Washington Square Press, 1982.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Lafonte, 2020.